

Biblioteca tutorada: democratização do conhecimento e da informação em comunidades de aprendizagem.

Izabel da Mota Franco

Bibliotecária da Escola Municipal de Ensino Básico Antônio Stella Moruzzi
niase@power.ufscar.br

Vanessa Gabassa

Graduanda do curso de Pedagogia da UFSCar e membro do NIASE

Vanessa Cristina Giroto

Graduanda do curso de Pedagogia da UFSCar e membro do NIASE

Fabiana Marini

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar e membro do NIASE

Roseli Rodrigues de Mello

Professora no Departamento de Metodologia de Ensino na UFSCar e Coordenadora do NIASE

Renata Paschoalino

Graduanda do curso de Pedagogia da UNESP e membro do NIASE

Sara Regina Moreira da Silva

Graduanda do curso de Pedagogia da UFSCar e membro do NIASE

No presente texto propomo-nos a relatar a experiência de uma Biblioteca Tutorada, organizada a partir do projeto “Comunidades de Aprendizagem”, numa escola de Ensino Básico da cidade de São Carlos – EMEB “Antônio Stella Moruzzi”. Tal projeto tem por objetivo potencializar o aprendizado das crianças e adultos, aumentando o respeito e os laços entre comunidade e escola.

Na introdução, apresentamos uma breve discussão acerca das transformações sociais e produtivas que ocorrem atualmente e que englobam a chamada sociedade da informação, destacando a importância da escola como um espaço de democratização da sociedade, podendo garantir o acesso à informação e desenvolver a capacidade de selecioná-la e utilizá-la, transformando-a em conhecimento.

Destacamos, a partir deste contexto, o projeto “Comunidades de Aprendizagem”, que implica uma transformação social e cultural na escola e no entorno, onde todas as pessoas aprendam - vertente desenvolvida pelo Centro de Investigação Social e Educativa (CREA), da Universidade de Barcelona, trazido recentemente para o Brasil e implantado pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), na EMEB “Antônio Stella Moruzzi”.

Focalizamos, por fim, as atividades realizadas na biblioteca desta escola municipal, como reuniões semanais, plantões de dúvidas, “hora do conto” etc, dentro da ação social e educativa que recebe o nome de Biblioteca Tutorada e que contribui para potencializar a aprendizagem instrumental, o acesso e seleção de informação, bem como o acesso a conhecimento.

Introdução

Atualmente, vivemos transformações sociais e produtivas marcadas por grandes avanços tecnológicos e que exigem das pessoas mais formação e desenvolvimento de novas competências. Tal contexto tem sido identificado por muitos autores como constitutivo da Sociedade da Informação.

Flecha, Gómez & Puigvert (2001), comparando a sociedade industrial com a Sociedade da Informação que a sucedeu, afirmam:

“... na primeira, a chave está nos recursos materiais e, na segunda, nos recursos humanos e, em concreto, na seleção e no processamento da informação priorizada. Essa seleção e processamento se levam a cabo com reflexões humanas freqüentemente auxiliadas por tecnologias que se realizam na comunicação com outras pessoas. Conseqüentemente, as teorias sociológicas atuais dão um grande papel à reflexividade (Beck) e à comunicação (Habermas)”.

Nesse sentido, a escola torna-se mais importante do que em tempos anteriores, como espaço de democratização da sociedade, garantindo o acesso à informação e desenvolvendo a capacidade de selecioná-la e utilizá-la, transformando-a em conhecimento.

GADOTTI (2000), citando DOWBOR (1998), indica que a escola tem de deixar de ser "lecionadora" para ser "gestora do conhecimento". Concorde que a educação tornou-se estratégica para o desenvolvimento, mas que, para isso, não basta "modernizá-la"; é preciso, antes, transformá-la profundamente. Sob a idéia de que a sociedade se constitui hoje com novos espaços de conhecimento (DOWBOR, 1998) é possível vislumbrar que, na própria escola, espaços de convívio ampliado podem juntar-se à sala de aula para potencializar a aprendizagem. Além disto, as novas tecnologias da informação e da comunicação apresentam-se como meios que podem apoiar a aprendizagem.

Frente a este contexto e às aspirações de democratização da Sociedade da Informação, a escola pode assumir papel fundamental, enquanto espaço público, solidário e comunicativo. Tecnologias da informação e da comunicação, bem como espaços e práticas de potencialização de interações entre diferentes sujeitos apresentam-se como necessárias para esta transformação da escola. É nesta perspectiva que aqui se apresenta a experiência de "Biblioteca tutorada", prática desenvolvida dentro do projeto de Comunidades de Aprendizagem.

O projeto de comunidades de aprendizagem

O projeto "Comunidades de Aprendizagem" a que aqui fazemos referência é a vertente desenvolvida pelo Centro de Investigação Social e Educativa (CREA), da Universidade de Barcelona. Implica uma transformação social e cultural na escola e no entorno porque envolve mudança de hábitos e atitudes das famílias, profissionais da educação (incluindo-se professores e professoras), alunos e alunas e de toda a comunidade em torno da idéia de construir uma escola onde todas as pessoas aprendam (MELLO, 2002).

Na escola, tal transformação envolve a participação de todos agentes educativos, por meio de diálogo igualitário, em busca de construção de consensos. O importante é que o diálogo busque as formas de superar os obstáculos à aprendizagem.

A concretização dessa orientação se dá no decorrer do desenvolvimento do projeto (MELLO, 2002). A transformação de uma escola em uma Comunidade de Aprendizagem envolve duas grandes etapas: o processo de ingresso no projeto e o processo de sua consolidação.

O ingresso no projeto implica as fases de sensibilização, de tomada de decisão, de sonho, de seleção de prioridades e de planejamento. A etapa de consolidação envolve investigação, formação e avaliação.

A centralidade da aprendizagem pressupõe, de um lado, a busca de alternativas para a estrutura tradicional de atendimento às crianças, para que os alunos e alunas estejam o máximo de tempo possível em atividade formativa e, por outro, a formação dos familiares. Para tanto, professores e professoras unem-se a voluntários e voluntárias, rompendo estruturas de idade e de grupo (de formação, por exemplo).

O voluntariado participa das aulas a partir das orientações dadas pela/o professora da classe e de outros espaços e práticas na escola a partir de linhas de condução acordadas entre todos. Seu papel é estimular a concentração e a troca entre os alunos no trabalho, e atuar como pessoas diversas no espaço da escola.

Com base em estudos realizados junto ao CREA (MELLO, 2002), foi criado no Brasil o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE - diretório de grupos do CNPq), na Universidade Federal de São Carlos. O NIASE desenvolve pesquisa, ensino e extensão considerando diferentes práticas sociais e educativas. O

projeto de Comunidades de Aprendizagem é um dos projetos desenvolvidos pelo NIASE, na linha de pesquisa intitulada "aprendizagem dialógica e ações comunicativas".

Desde agosto de 2003, o NIASE vem desenvolvendo o projeto de Comunidades de Aprendizagem em parceria com a Prefeitura Municipal de São Carlos e a Escola Municipal de Educação Básica "Antonio Stella Moruzzi" (MELLO, 2004).

A Escola Municipal de Ensino Básico "Antônio Stella Moruzzi", localizada na cidade de São Carlos/SP é uma escola que atende a aproximadamente 500 estudantes. Além das salas de aula regulares, a escola conta com sala de recursos para pessoas com necessidades especiais e com a "Escola do Futuro" - projeto do governo municipal que une biblioteca, sala de computadores e sala de TV num único prédio e que é aberto a toda a comunidade. A biblioteca foi inaugurada no dia 24/10/2002 e participa do Sistema Integrado de Bibliotecas do Município de São Carlos (SIBI- São Carlos composto pelas bibliotecas públicas, escolares e de apoio das instituições públicas Municipais). Possui um acervo de 3.800 livros, a classificação usada é a CDD e está sendo automatizada com uma base de dados no padrão CDS/ISIS/UNESCO o PHL 7.0 (Personal Home Library).

Desde o ingresso da escola no projeto Comunidades de Aprendizagem, a escola passou por algumas de suas fases. Foi realizada, primeiro, a fase de sensibilização com o professorado, que aprovou por unanimidade a idéia de desenvolver o projeto na escola. Depois, houve a fase de sensibilização dos familiares, em nove encontros realizados em diferentes dias e horários (incluindo finais de semana) para possibilitar a participação do maior número possível de pessoas; contando com a presença de quatrocentos e dez familiares, o projeto foi também aprovado por este segmento. A fase do sonho possibilitou que familiares, crianças e profissionais da escola indicassem o que queriam para a Comunidade de Aprendizagem que nascia. Foram mais de trezentos sonhos, que, organizados em temáticas, compuseram 19 frentes de atuação. No final de 2003, alguns desses sonhos começaram a ser realizados e no primeiro semestre de 2004 se concretizaram. Todos os outros estão em fase de planejamento para se traçar o mapa de sua realização: profissionais, familiares e colaboradores, com o acompanhamento do NIASE, atuam para concretizar a escola sonhada.

Desde então, direção, professores, alunos, voluntários e comunidade estabeleceram projetos e trabalhos a serem desenvolvidos em parceria com a universidade, e uma das primeiras realizações foi a ampliação do atendimento da Biblioteca, entendida como um dos espaços mais ricos para o desenvolvimento da aprendizagem no ambiente escolar.

Nosso objetivo, portanto, nesse relato, é mostrar o trabalho realizado numa biblioteca escolar da cidade de São Carlos, dentro do projeto Comunidades de Aprendizagem, que vê a Biblioteca como meio de potencializar o aprendizado de crianças e adultos, aumentando o respeito e os laços entre comunidade e escola. Tal prática recebe o nome de Biblioteca Tutorada.

Biblioteca tutorada: prática de democratização do conhecimento.

Desde novembro de 2003, constituiu-se, na escola, uma comissão de biblioteca, que se reúne semanalmente para planejar e incrementar os trabalhos neste espaço; é composta pela bibliotecária da escola, uma professora universitária, alunas da Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, mães de alunos, irmãos de alunos e adolescentes que moram na vizinhança. Essa comissão trabalha articuladamente com a de informática, formada por um adolescente, irmão de uma aluna da escola; alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos; ex-alunos da escola; uma estudante de escola técnica; um vizinho; um estudante de licenciatura em computação e um professor da universidade.

Já em 2003, a biblioteca da escola passou a ser aberta, aos alunos e à comunidade, uma vez por semana à noite, por duas horas, para além de seu horário comum de atendimento. No início de 2004, com o aumento da demanda, o horário da biblioteca foi ampliado, e esse espaço passou a funcionar dois dias por semana, à noite, por duas horas e meia, às terças e quartas-feiras.

A Biblioteca Tutorada tem por objetivo permitir diversas interações entre alunos, pais, voluntários e funcionários, a partir das quais a capacidade de cada pessoa é valorizada, respeitada e potencializada na interação. Dentro do projeto, acreditamos que todos têm algo a ensinar e a aprender. Sendo assim, a biblioteca é um espaço aberto para todas as pessoas da escola e da comunidade, independente de formação acadêmica,

idade ou sonhos, pois visamos a igualdade das diferenças e desfrutamos do multiculturalismo para potencializar a aprendizagem educativa.

A alteridade é praticada a cada encontro semanal. Várias vezes observamos as crianças conversando em baixo tom de voz e tratando-se com respeito mútuo. Um dos participantes, certa vez comentou: "a biblioteca é muito legal e agradável. Aqui as pessoas são educadas e se respeitam."

No período de atendimento da noite, é importante ressaltar que os horários de funcionamento da Biblioteca coincidem com aqueles das aulas de informática destinadas às pessoas da comunidade (atividade que também faz parte do projeto Comunidades de Aprendizagem), justamente para que os adultos que participam desse trabalho possam deixar suas crianças na Biblioteca durante suas aulas.

Atendemos nesse horário, uma média de 25 crianças e 5 adultos, que vão para a biblioteca com o objetivo de realizarem as tarefas que trazem de casa ou exercícios propostos pelos voluntários. As atividades para as crianças são oferecidas em forma de fichas com exercícios, elaboradas pelas voluntárias e equipe da universidade, com base na série em que se encontram. As crianças copiam e resolvem os exercícios e depois acompanhamos as correções.

Há também na biblioteca uma quantidade de livros disponíveis para poderem consultar e buscar atividades que complementem suas aprendizagens. Geralmente, a professora da sala de alfabetização de adultos prepara o material anteriormente e nos entrega para que possamos auxiliar os adultos dentro de seu próprio ritmo de ensino-aprendizagem.

Desenvolvemos assim, de acordo com as necessidades que foram surgindo, horários fixos para a realização das atividades. Das 18:00 às 19:30h, as crianças fazem exercícios escritos (tarefas ou atividades propostas na biblioteca). O horário que vai das 19:30h às 20:00h fica reservado para a leitura, que pode ser individual, em dupla ou, ainda, em grupos, ficando a critério dos alunos. Das 20:00h às 20:30h há o momento da contação de histórias, apresentação de teatros, filmes e, também, músicas infantis.

Procuramos, na primeira hora de funcionamento, ou seja, das dezoito às dezenove horas, dedicar maior atenção aos alunos da EJA (educação de Jovens e Adultos) da escola, que têm aula a partir das sete. A professora da sala de alfabetização de adultos, sempre que possível, prepara previamente as atividades dos alunos a serem

desenvolvidas na biblioteca, de acordo com suas vontades e necessidades, o que contribui para a sua aprendizagem e para o trabalho das voluntárias. Durante este período, as crianças participam de atividades de informática. Dessa maneira, acreditamos que todos podem aproveitar ao máximo o horário de funcionamento da Biblioteca.

Além disso, o projeto também foi estendido para os horários de almoço, das 12hs às 13hs, buscando auxiliar os alunos da zona rural que não têm transporte para vir à escola no período contrário à aula. Nesse momento, a Biblioteca fica a serviço dos alunos por apenas uma hora, pois esse é o tempo disponível das crianças antes de almoçarem e irem para as salas de aula. No entanto, a Biblioteca fica aberta quatro dias por semana na hora do almoço, exceto às sextas-feiras, contando com a participação das estagiárias do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, que se revezam para manter o atendimento todos os dias no mesmo horário.

Durante esse tempo, grande parte dos alunos, que são, em média, 40 a cada dia, lê livros infantis indicados pela bibliotecária e pela auxiliar de biblioteca. Alguns, individualmente, mas a maioria em duplas ou grupos, porquanto acreditamos que a interação seja fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e também do respeito pelo outro.

A grande paixão das crianças para esse período, porém, são os jogos matemáticos. A escola possui um jogo de dominó matemático para cada operação fundamental, e as crianças ficam grande parte do tempo passado na biblioteca resolvendo contas para vencer o jogo e, muitas vezes, sem nem sequer se darem conta, recordam todas as tabuadas diversas vezes. Os alunos costumam dividir-se em pequenos grupos, de quatro ou cinco crianças, e ocupam todas as mesas da biblioteca, inclusive as da área externa, trocando os jogos entre si quando querem mudar de operação.

Outro material bastante utilizado pelas crianças nesse período é o alfabeto móvel, feito de madeira e escrito com letras coloridas. Os alunos mais novos, que ainda não sabem ler nem escrever, sentam-se com aqueles que já sabem ou com alguma estagiária e vão descobrindo letras e palavras. É fantástico, além do recurso didático, o ambiente de aprendizagem coletiva que se cria nesses momentos. Todos aprendem mais e melhor trabalhando em conjunto, buscando o crescimento não só para si, mas também para o outro.

Muitas coisas precisaram ser combinadas com as crianças e, a cada dia, novas exigências (de ambas as partes) vão sendo discutidas para que a Biblioteca se torne um ambiente cada vez mais rico para a aprendizagem de todos. As estagiárias procuram, todos os dias, lembrar as crianças de que a biblioteca é um lugar para todos estudarem, lerem ou fazerem a tarefa e, portanto, é necessário manter silêncio para que ninguém seja prejudicado na sua atividade. Orientam os alunos, com a ajuda da bibliotecária, a guardarem as mochilas num determinado canto da sala, com o intuito de acostamá-los com as demais bibliotecas públicas, nas quais não se pode entrar com nenhuma bolsa. Além disso, procuram manter a ordem dos livros, das carteiras, chamar atenção para que as crianças não corram etc. Tenta-se, na verdade, criar um hábito nos alunos de como cuidar desse ambiente que é de todos e que deve servir para o desenvolvimento de todos. Como resultados, podemos indicar ganhos para todas as pessoas envolvidas.

A mudança no comportamento das crianças, principalmente daquelas que participam do projeto já há algum tempo, pode ser claramente observada. Não só com o próximo, mas também na relação com o conhecimento. Por meio de atividades de leitura, escrita, tarefas e pesquisa, incentivamos os participantes a desenvolverem o hábito de estudar, se concentrar, escolher e selecionar o material correspondente aos seus interesses e dificuldades.

No caso dos alunos e alunas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas, como grande parte desses alunos não tem tempo de estudar em casa e, em sua maioria, não podem contar com o auxílio de outra pessoa, esse momento de estudo na Biblioteca, segundo seus relatos e o de sua professora, tem sido fundamental.

Para nós, a convivência e o compartilhamento de conhecimentos e os processos de construção de consensos com mães, adolescentes e professoras da escola nos fazem aprender a cada dia. Discutimos atividades, preparamos material e conversamos sobre qual a melhor maneira para desenvolver cada trabalho. Ampliamos nosso conhecimento a respeito de conteúdos instrumentais para que as atividades possam ser mais bem aproveitadas. Pesquisamos nossas dúvidas e procuramos respostas para as nossas perguntas. Refletimos sobre o que fizemos e foi válido e sobre aquilo que não deu certo, sempre procurando melhorar o ambiente e favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem de todos entre todos.

Por fim, acrescentamos que o intuito desse nosso trabalho na Biblioteca é ajudar diferentes ritmos e desempenho dos participantes, com a preocupação de que cada um deles possa aprender conhecimentos de Português, Matemática, leitura e escrita efetiva para crianças e adultos, e tudo mais que se possa conhecer, visando à superação do fracasso escolar e contribuindo para um melhor rendimento educativo, diminuindo, assim, os riscos de exclusão.

Referências

DOWBOR, L. *A reprodução social*. São Paulo, Vozes, 1998.

FLECHA, R., GOMEZ, J & PUIGVERT, L. *Teoría Sociológica Contemporánea*. Barcelona: Paidós, 2001.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo Perspec.* [online] v. 14, n. 2, p. 03-11. abr./jun. 2000 [citado 04 Janeiro 2004]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.

MELLO, R. R. de. *Comunidades de Aprendizagem*: contribuições para a construção de alternativas para uma relação mais dialógica entre a escola e grupos de periferia urbana. Barcelona: CREA, 2002. Universidade de Barcelona, Relatório de Pós-Doutorado, FAPESP.

MELLO, R. R de. *Comunidades de Aprendizagem*. Proposta de Atividade de Extensão. Pró-Reitoria de Extensão. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2004.